

A Poesia Concreta e a Prática de Leitura em Salas de Aula

Alexandre Castro

(UFMG)

Na tentativa de instaurar uma nova ordem do discurso, o movimento da poesia concreta propõe o desaparecimento de algumas noções tradicionais como princípio, meio e fim, e verso. Esse último elemento, o verso, segundo Décio Pignatari, não assegura o espaço adequado como condição de uma nova realidade rítmica, é anti-econômico, ou seja, não garante a comunicação rapidamente, já que é incompatível com a velocidade da comunicação instaurada pelos modernos meios de comunicação de massa. Essa nova ordem quebra a linearidade do texto, rompe com a lógica discursiva tradicional, instaurando uma nova dimensão para a prática de leitura.

Augusto de Campos, ao ser indagado sobre o que comunica um poema concreto, responde que comunica o mesmo que um poema não concreto, um poema qualquer. Isto é, que o poema não comunica o mesmo que o discurso, entendido o discurso como “a linguagem em seu uso literal” (Susanne K. Langer). A poesia, cuja natureza é essencialmente não discursiva, tradicionalmente utiliza-se do arcabouço lingüístico lógico-discursivo. A poesia concreta, entretanto, movimenta-se em direção ao abandono desse arcabouço, instaurando uma nova dimensão da leitura que exige uma ótica, uma acústica, uma sintaxe, uma morfologia e um léxico novos. Surge, assim, uma outra técnica de composição que se contrapõe à tradicional, analítico-discursiva, a técnica sintético-ideográfica.

O que se observa nesse novo texto é um apelo à comunicação não-verbal, que tem no ideograma a sua idéia básica. O ideograma é descrito no Plano Piloto para a Poesia Concreta, no seu sentido geral, como uma sintaxe espacial ou visual; no sentido específico ele é descrito como um método de compor baseado na justaposição direta de elementos, justaposição esta analógica e não lógico-discursiva. Essa nova técnica de composição responde à necessidade de se criar uma linguagem que se comunique mais rapidamente, acompanhando o ritmo dos modernos meios de comunicação de massa.

Haroldo de Campos diz que “a poesia concreta é a linguagem mais adequada à mente criativa contemporânea, pois permite a comunicação em seu grau mais rápido. Prefigura para o poema uma reintegração na vida cotidiana quer como veículo de propaganda comercial (jornais, cartazes, TV, cinema), quer como objeto de pura função como campo de possibilidades análogo ao do objeto plástico”.

Assim, através do uso de ideogramas, o poeta cria formas artísticas – estruturas-conteúdos cujo material é a palavra. E com essas estruturas-conteúdos, o poeta concreto “cria” um texto que solicita do leitor um modo de leitura própria da velocidade e da fragmentação do cotidiano no mundo moderno.

A Nova Sensibilidade

A invasão dos meios de comunicação alterou a sensibilidade do leitor, que, diariamente, lida com textos não lineares que promovem a comunicação, muitas vezes, sem fazer uso da linguagem verbal. São “flashes” de imagens que chegam ao leitor como fragmentos de um texto a ser construído pelo movimento da leitura.

Susan Sontag, em um texto intitulado “Uma cultura e a nova sensibilidade” diz que essa nova sensibilidade está arraigada em nossas experiências, experiências estas que são novas na história da humanidade: a extrema mobilidade social e física; o abarrotamento do cenário humano (pessoas e mercadorias materiais multiplicando-se a uma velocidade atordoante), a disponibilidade de novas sensações com a velocidade (tanto a velocidade física, como uma viagem de avião, quanto a velocidade das imagens como no cinema); e a perspectiva pan-cultural das artes, possível pela reprodução em massa dos objetos de artes.

O movimento da Poesia Concreta convida, então, esse leitor em potencial, real, maduro, para ter contato com uma poesia que se utiliza desses mesmos elementos com os quais ele está acostumado a lidar no seu contato diário com o cenário humano. Essa nova dimensão de texto que rompe com a linearidade do signo e, portanto, sugere uma outra ordem na construção do sentido, reflete o tecido de imagens a que está exposto o leitor no dia-a-dia.

O Novo Texto e a Escola

E aqui eu pergunto: porque a escola não faz desses textos material para as suas práticas de leitura? Penso que é papel da escola formar leitores, preparando-os para o contato com novas experiências da evolução da linguagem. A Literatura não é estética e, como todas as artes, não desempenha apenas uma função genérica de conforto ou diversão como muitos pensam. Pelo contrário, as artes se desenvolvem e mudam.

Susan Sontag fala da “lentidão com que a maioria das pessoas aceita tais mudanças – em especial hoje quando as mudanças se dão com uma rapidez nunca vista”.

É justamente por ser uma formadora e uma informadora de leitores, é que a escola tem um papel fundamental nesse processo. É necessário que se abra espaço para a prática de leitura de textos não tradicionais em sala de aula. E quando eu uso aqui o termo Escola eu não me refiro apenas às instituições de 1º e 2º graus, mas também à Faculdade de Letras onde há alunos que nunca tiveram contato com um texto que não fosse tradicional e que quando o têm, muitas das vezes, assumem uma atitude que deriva unicamente da falta de informação e hábito de leitura.

Finalizando, citarei mais uma vez Susan Sontag que diz no texto “A estética do silêncio” que a história da arte é uma sucessão de transgressões bem-sucedidas, pois com a passagem do tempo e a intervenção de obras novas e mais difíceis, a transgressão do artista torna-se agradável e, afinal, legítima. O “feio”, discordante e sem sentido passa a ser belo.